UMA ENTREVISTA

Com «sir» Artur Conan-Doyle

PAE DE SHERLOCK HOLMES

QUANDO, no terraço dum café do Boulevard des Italiens, descobri *Le Matin*, e vi a noticia da chegada a Paris de *sir* Artur Conan Doyle, senti a mesma emoção que a proxima e milagrosa visinhança de Sherlock Holmes me provocaria. O imaginativo novelista de aventuras, o creador desse prodigioso homem — maquina de deduzir que é Sherlock está por tal forma integrado com o seu heroe, que dificilmente, no sub-consciente dos seus leitores se divide a noção da existencia real de Conan Doyle da existencia literaria do seu detective.

A Conan Doyle devemos nós, homens de todos os paises e de todas as raças, as mais saborosas leituras da mocidade. Que admiraveis convalecensias, que dôces noites perdidas, com o pensamento a galopar sem ladiga atraz dos criminosos que o olhar-hololote de Sherlock ia descobrir... Quantos seres humanos que hoje vivem na paixão da literatura grave e elevada, não adquiriram o habito de lêr, atraidos pelo iman da fantasia de Conan Doyle? E por isso, confesso sem rubor, seguro de ferir os espiritos superiormente exigentes de alguns camaradas de Portugal — que aquela noticia da chegada a Paris de Conan Doyle ou de Sherlock Holmes — me emocionou e encheu, a transbordar, o *écran* da minha fantasia. E vi então, todos os heroes de crime e de roubo, todos os inventores de misterios, os preparadores de enigmas, dançarem uma farandola diabolica á volta da sombra do policia amador — uma noite londrina, espesso nevoeiro, de ruas desertas e onde apenas brilhassem as lanternas dos *cab* e o cachimbo de Sherlock.

* * *

Sherlock Holmes, perdão: Conan Doyle é um espiritista entusiasta. O espiritismo tem-lhe causado já alguns desgostos. Descobriu-se, uma vez, que certa fotografia que ele apresentava afirmando ser a dum fantasma, — fôra habilmente «trucada» pelo novelista. Conan Doyle veiu a Paris para assistir ao Congresso Espiritista que se inaugura na Rue de Copernic. Instalou-se num hotel predilecto dos inglezes, por ser dos mais exageradamente caros da capital de Paris: Oxford Hotel. Encrustado numa esquina proximo da Avenue Kleber, havia á sua volta um silencio grave — e no interior, o *hall*, as escadarias de pedra, o mutismo dos creados, a semi-luz coada pelos *stores*, recordam um convento seculo XXII, um convento com todo o conforto moderno, um convento que conviesse aos inglezes atacados de *spleen* mistico.

Quando o procurei no Oxford-Hotel, constatei que não era eu, o unico jornalista que pretendia entrevistar o mestre da novela policial. Havia «reporters» de todos os jornais, correspondentes de todas as nacionalidades, espalhados pelo *hall*, de olhar impaciente, como se esperassem uma surpreza de Conan Doyle, como se o pae de Sherlock fosse surgir de um momento a outro, inesperadamente, da forma mais pitoresca — disparado talvez por um alçapão, como os melistofeles das magicas.

Mr. Conan Doyle está? indago ao porteiro.

E o porteiro, retorcendo orgulhosamente o bigode, responde com uma pergunta: Quem era eu? O que desejava?

— E' um jornalista portuguez que pretende entrevistá-lo. — ilucido com aquele enfase com que o Teodorico da «Reliquie» se declara lusitano *de aquem e de alem mar*.

Parte um *chasseur*; volta o *chasseur*; cochicham-se segredos:

— *Sir* Conan Doyle está, mas diz que não o póde receber... porque não sabe falar portuguez.

— Não tem importancia — contesto. Sir Conan Doyle póde falar-me em francez ou mesmo em inglez.

Nova correria de *chasseur*; nova volta; novos cochichos

— O *sr.* Conan Doyle saiu...

Bom. O papá de Sherlock não estava para me aturar. E como nada me excita tanto o brio profissional, como a negativa dum entrevistado, predispuz-me a assaltar Conan Doyle fosse como fosse — nem que tivesse de utilisar algum dos *trucs* por ele imaginados. Recordei-me então duma negativa do meu amigo o general Primo de Rivera, dois dias depois da sua chegada a Madrid — e o assalto que lhe fiz, no patio do Ministerio da Guerra para o entrevistar.

Coloquei-me de sentinela, á porta do hotel. Esperei duas horas — contadas pelo relogio! — Pouco a pouco, os jornalistas do «hall» foram saindo á formiga, fartos de esperar. Tinha saido o ultimo havia dez minutos, quando a porta circular do Oxford se agita e aparece um gigante aloirado, de face congestionada; um pequeno bigode grisalho, pupila azul viva, quasi ironica, quasi latina, pela vivacidade e pela inteligencia. Presa ao seu braço forte e bem musculado, ia uma dama mais baixa, mais nova, menos sorridente.

O rosto do gigante — reconheço-o logo. Recordava-me de uma fotografia publicada ha muitos anos nos *Serões*. Era Conan Doyle. Era *mon homme*... Avanço, fazendo uma serie grotesca de salamaleques. O gigante pára e franze o sobr'olho peludo.

— Sir Conan Doyle?

— Sim... Que deseja?

Tomo folego:

— Entrevista-lo...

E logo a seguir, esclareço:

— Sou o jornalista portuguez que solicitou ha pouco o favor de ser recebido, sir...

Os rostos dos dois inglezes estão longe de exprimir uma positiva alegria. Lá por dentro estavam a mandar-me ao diabo, no mais puro estilo de Shackespeare. Viam... o seu ameno passeio do entardecer, fracassado pela minha impertinencia. Tranquilisei-os:

— Se pensavam descer a Avenida a pé... não parem por minha causa. Acompanhá-los-hei, apontando as notas da entrevista.

E foi assim que se fez a entrevista... ao languido caminhar pela Avenida Kleber, á hora em que o sol em Paris se enche de cinzas!...

* * *

— Crê que uma *interview* comigo póde interessar os seus leitores de Portugal? indaga Conan Doyle.

— Decerto.

— Sei que fui traduzido para portuguez, mas...

— *Sherlock* é tão popular em Lisboa como em Londres.

A minha mentira satisfaz como uma golosema a vaidade do escritor. Comtudo, a obsessão do espiritismo afasta-o da conversa:

— Como sabe, vim a Paris para assistir ao Congresso Espirita...

— Está convencido, *sir*, que o espiritismo é uma sciencia positiva?

— A minha convicção pouco vale. Melhor do que a minha impressão ou a minha convicção, são as provas fotograficas que vou apresentar no Congresso. Existem ainda muitos incredulos, mas eles acabarão por curvar-se ante a evidencia...»

Como me interessava pouco o espiritismo, começo a crivá-lo de perguntas bisbilhoteiras sobre as suas intimidades de escritor.

— A ideia de Sherlock foi inspirado em...

Mas Conan Doyle interrompe-me.

— A minha inspiração nasceu numa madrugada em que a morte dum amigo muito querido...

— Policia amador? indago.

— Qual policia? Era farmaceutico. A sua morte ficou sempre envolvida em misterio. Quando me vieram trazer a noticia, presenti logo que um enorme ponto de interrogação se pintara vermelho sobre o seu cadaver. Foi ter com o doutor Brein...

— O que lhe serviu de modelo do Sherlock Holmes? pergunto.

Conan Doyle tem uma sacudidela de impaciencia

— Qual Sharlock? Dr. Brein é o gran mestre do espiritismo em Londres. Ele recebera antecipadamente a noticia da morte do meu amigo...

— Tinham sido os assassinos que o avisaram? investigo.

— Tinha sido a alma do morto que tudo comunicara...

— Assim era facil descobrir o criminoso... insisto.

— Criminoso? Mas o farmaceutico tinha morrido duma pneumonia...

Fitamo-nos com mutua desconfiança. Qual de nós estava a mangar com o outro? Conan Doyle ou eu?

— O que eu desejava saber — esclareço — era a historia literaria de Sherlock Holmes...

Conan Doyle sorri-se, compreendendo, e explica:

— E eu estava a contar lhe um episodio de espiritismo.

* * *

Focado sobre o assunto que me interessava, Conan Doyle principia:

— Como sabe, descendo duma familia escossesa, cujos membros conseguiram fama, pelas suas qualidades artisticas. Em Inglaterra, os «Conans» e os «Doyles» tornaram-se celebres na caricatura, na pintura e nas letras. Eu fui o unico que me julgava posto à margem da tradição de familia — e tanto assim que me formei em medicina. Fui medico militar e como tal me expediram para Afghanistan, onde Inglaterra batalhava então. Percorri meia Asia e a minha memoria registou centenas de detalhes que depois me serviram admiravelmente para a minha produção literaria: Ferido numa perna, regressei à patria, reformei-me e comecei a viver só do meu soldo, que mal me chegava.

— Tal qual Dr. Watson... insinuei.

— Dr. Watson, companheiro de Sherlock Holmes, é uma especie de auto-biografia — confessou Conan Doyle.

«A modestia a que o meu soldo me obrigava, fez nascer no meu espirito a ideia de grangear beneficios extra-oficialmente. Pensei na literatura — pensei em crear um tipo. Foi então que reparei no interesse que o publico tinha pelos interesses policiais. Não queria eu fazer um policia vulgar, um policia como já havia tantos... Magicando, magicando, recordei-me dum antigo professor meu, na catedra de Botanica, dr. Beld, que nos fazia pasmar, na Universidade, pela sua admiravel sciencia de dedução. Procurei-o. Abandonara o ensino, e estava ligado secretamente a Scotland Yard, ou seja à chefia da policia inglesa.

— E assim nasceu Sherlock?

— Assim foi. Moral e psicologicamente, o dr. Beld é a copia fiel de Sherlock. O seu fisico, difere bastante...

— Dr. Beld ainda vive?

— Vive em Edomboog. Tem oitenta e dois anos. Dedica-se, como eu, ao espiritismo...

Tive medo que a conversa resvalasse novamente sobre o mesmo assunto, e à pressa prosegui:

— Escreveu muitas aventuras de Sherlock Holmes?

— Mais de 75 por cento da minha obra está dedicada a essa figura. Umas quinhentas aventuras — doze das quais são uma forma de «romance».

— Pensa em escrever novas aventuras?

Que remedio!!! Quando, ha quinze anos matei Sherlock, farto de insistir com o mesmo personagem — quasi que houve uma revolução na Inglaterra. Assaltaram-me a casa... Tive de o ressuscitar.

Uma ultima pergunta:

— Existe realmente a casa que V. escolheu para habitação de Sherlock Holmes em Black-Street, 57?

Conan Doyle solta uma gargalhada que devia ter sido escutada em Londres, pela sonoridade — e explica:

— Existe. Escolhi essa rua e esse numero, ao acaso. Em que eu nunca pensei foi nos resultados que isso podia ter. Calcule V. que o senhorio da casa em questão armou-me um processo. Nenhum inquilino se fixava na casa mais do que doze dias. De manhã até à noite era um corrupio de gente a bater à porta, para falar com *Sherlock Holmes*, trazendo cada individuo um problema para ele resolver — convencido que o detective é uma figura-real e que, de facto, habita em Black-Street, 57...

Estavamos proximo dum pequeno teatro dos Champs Elysée, em cujo cartaz se anunciava uma revista. Ao despedir-me de Conan Doyle, perguntei:

— Vai esta noite ao Congresso Espiritista?

— Não. Vou vêr isto...

«Isto» era a revista que se intitulava «Ultra-Nue». O amigo das almas do outro mundo, quando não está em comunicação com os espiritos, diverte-se a contemplar a carne nua e explendida, das bailarinas de Paris.

R. F.



AO CENTRO: Sir Conan Doyle e sua esposa. NO OVAL: Sherlock Holmes, tal como Conan Doyle imaginou. AO CANTO DA ESQUERDA: Dr. Bell, professor de Conan Doyle